

FANTINE OU LA FANTINE:

Uma questão de sentido
Regina Cibelle de OLIVEIRA¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer um estudo sobre a constituição da personagem Fantine, do romance *Les Misérables*, de Victor Hugo, tendo como principal base a oposição entre a presença e a ausência do artigo definido feminino singular “la” antes do nome da personagem. De forma introdutória, apresentaremos alguns dados sobre o romance e traremos um resumo do primeiro tomo, no qual é narrada a história de Fantine. Para podermos analisar os diferentes sentidos do uso do artigo definido, esse estudo se organiza em três eixos. No primeiro, traremos algumas considerações sobre a prostituição no século XIX, tendo como foco os motivos que levam uma jovem a se tornar prostituta. No segundo, apresentaremos um estudo sobre o uso do artigo definido, principalmente antes de nomes próprios. No terceiro eixo, finalmente, analisaremos como ocorre a oscilação entre a presença e a ausência do artigo antes do nome da personagem Fantine.

PALAVRAS-CHAVE: Victor Hugo, *Les Misérables*, Fantine, prostituição, artigo “la”

¹ Regina Cibelle de Oliveira é mestranda no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP). Graduiu-se em Letras, português e francês, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em dezembro de 2014. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre agosto de 2013 e julho de 2014, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Dias Mendes. E-mail: reginacibelle@hotmail.com

FANTINE OU LA FANTINE: UNE QUESTION DE SENS

RÉSUMÉ: Cet article se propose de faire une étude sur la constitution du personnage Fantine, du roman *Les Misérables*, de Victor Hugo, en ayant comme base principale l'opposition entre la présence et l'absence de l'article défini féminin singulier "la" avant le prénom du personnage. Pour introduire le sujet, on va présenter quelques informations sur le roman, et on va faire un résumé du premier tome, dans lequel est racontée l'histoire de Fantine. Pour pouvoir analyser les différents sens de l'usage de l'article défini, cette étude s'organise en trois axes. Dans le premier, on va faire quelques considérations sur la prostitution au XIXe siècle, en observant les motifs qui conduisent une jeune fille à devenir prostituée. Dans le deuxième, on va présenter une étude sur les usages de l'article défini, surtout avant les prénoms. Dans le troisième axe, finalement, on va analyser comment se passe l'oscillation entre la présence et l'absence de l'article avant le prénom du personnage Fantine.

MOTS-CLÉS: Victor Hugo, *Les Misérables*, Fantine, prostitution, article "la"

INTRODUÇÃO

O romance *Les Misérables*, de Victor Hugo, foi publicado em 1862. Nele, narra-se a história de Jean Valjean, um ex-forçado que passou dezenove anos na prisão por ter roubado pão para alimentar a irmã e os sobrinhos que estavam passando fome. Após ser solto, Jean Valjean tenta se reinserir na sociedade, mas é rejeitado e expulso de todos os lugares em que chega, pois, pelo fato de ser um ex-forçado, no pensamento das pessoas ele seria para sempre uma ameaça.

Após bater em várias portas e não conseguir nem comida nem um lugar para dormir, o homem é acolhido pelo bispo da cidade de Digne, o senhor Charles-François-Bienvenu Myriel. Como Jean Valjean estava muito revoltado, ele rouba alguns pertences do bispo e foge. Capturado pela polícia, o homem é conduzido até a casa do bispo, para ser acusado de roubo. No entanto, o bispo afirma que deu os objetos para o pobre homem, que vai embora levando consigo os objetos e o exemplo de bondade do senhor Myriel.

A partir desse momento, Jean Valjean decide praticar o bem, assim como o bispo de Digne. Disfarçado de Senhor Madeleine, torna-se prefeito de Montreuil-sur-Mer e consegue trazer um grande desenvolvimento para a cidade, montando uma fábrica e oferecendo emprego para diversas pessoas. Ele se preocupa com os moradores da cidade, constrói uma enfermaria na sua residência e tenta fazer com que todos tenham uma vida melhor.

Fantine é uma das pessoas que vai ser ajudada por Jean Valjean. Ela é uma jovem órfã, que não conheceu seus pais. Nascida em Montreuil-sur-Mer, com a ida-

de de quinze anos decide ir a Paris para tentar constituir fortuna. Nessa cidade, ela começa a trabalhar como operária e se envolve com o estudante Félix Tholomyès, jovem sem escrúpulos que a abandona com uma filha para criar.

Dez meses após ser abandonada, Fantine decide voltar para sua cidade natal. Ela deixa sua filha com um casal que encontra no meio do caminho, os Thénardières, mediante o pagamento de uma pensão, para arrumar emprego e conseguir dinheiro para cuidar da garotinha. Chegando em Montreuil-sur-Mer, ela começa a trabalhar na fábrica do senhor Madeleine, mas é mandada embora quando descobrem que ela é mãe solteira, já que a fábrica não admitia mulheres com maus costumes.

Sem nenhum recurso, Fantine vende os cabelos e os dentes, para enviar dinheiro ao casal que cuidava de sua filha. Quando não tem mais o que vender, a jovem decide se vender, entrando na prostituição.

Um dado interessante na constituição da personagem Fantine, é que, algumas vezes ela é tratada como “Fantine” e outras como “la Fantine”. Ela é a única personagem do romance em que o artigo definido feminino singular “la” é empregado antes de seu nome. Relembrando que Candido (2007) afirma que a personagem no romance é formada por uma composição verbal, e que isso sugere um tipo de realidade, observaremos aqui como esse aspecto linguístico influencia na construção de sentido sobre a personagem Fantine.

Considerando que, em língua francesa, não é comum colocar artigo definido antes de substantivos próprios, conforme detalharemos mais adiante, é interessante observar que, na maioria dos casos em que esse uso acontece, ele costuma ter um sentido diferenciado, como, por exemplo, indicar uma ironia.

No caso de Fantine, o fato de que ocorre uma oscilação entre o uso e o não uso do artigo chama a atenção do leitor. Ressalta-se também que o artigo é utilizado pela primeira vez no momento em que a jovem aparece como prostituta, o que nos instiga sobre seus diferentes efeitos de sentido.

A PROSTITUIÇÃO NO SÉCULO XIX

No século XIX, a prostituta representa o último grau da decadência ao qual uma mulher pode ser submetida. De acordo com Parent-Duchâtelet (2008), as prostitutas são mulheres devassas que, seja pelas circunstâncias ou por hábitos escandalosos, formam uma classe que deve ser seguida e observada com cuidado pela administração pública. Pateman (1993) aponta que a prostituição faz parte do sistema capitalista, pois “o contrato entre cliente e prostituta é visto como um acordo particular entre comprador e vendedor” (PATEMAN, 1993, pp. 279-280).

Antes de trabalhar efetivamente com a figura da prostituta, é interessante observar algumas particularidades sobre as mulheres do Quartier Latin. De acordo com Caron (1991), no século XIX, o Quartier Latin recebe vários jovens burgueses que vêm à Paris para estudar, e operárias, que vêm para trabalhar. Esses jovens

moram nesse bairro em um certo anonimato, o que permite que muitos deles tenham sua iniciação amorosa e sexual.

Dentre as mulheres que moram no Quartier Latin, Caron (*op. cit.*) destaca as “*grisettes*”, as “*lorettes*”, as “*étudiantes*”, as “*latines*”, as “*lionnes*” e as “*lolottes*”. As três últimas são pouco estudadas e aparecem somente em alguns escritos.

A *grisette* é uma moça do povo, normalmente operária ou empregada, jovem ou muito jovem, solteira, que mora sozinha ou com uma amiga. Segundo Caron (*op. cit.*), o termo “*grisette*” vem da cor cinza da roupa dessas operárias. Geralmente, vive em companhia de um estudante, que a domina economicamente, pois, mesmo que ele tenha uma vida um pouco difícil em termos econômicos durante o tempo em que fica no Quartier Latin, a pobreza para ele é passageira, mas é durável e real para a *grisette*. No início do romance, Fantine é uma *grisette*, pois é uma operária que vive com um estudante.

A *grisette* não é considerada uma prostituta. Ela costuma ter um único parceiro e vive como sua amante durante certo período (quase sempre até ele terminar seus estudos e voltar para sua cidade). Isso acontece com Fantine, no entanto, ela se apaixona por Tholomyès e sofre muito com o abandono.

A *lorette* também é uma mulher que serve de companheira para os estudantes. No entanto, enquanto a *grisette* não nega suas origens, e aparece até com uma imagem mais pura, a *lorette* tenta escapar de sua posição social por todos os meios, inclusive a prostituição. Já a *étudiante* é uma variante da *grisette*, porém ela não trabalha, se ocupa dos serviços domésticos do estudante, é pobre e depende dele financeiramente.

Referente à prostituição, Corbin (2010) destaca a divisão entre a prostituição de alta categoria, cuja principal representante é a cortesã, e a prostituição de baixa categoria, representada pela garota de rua, aquela que costuma abordar os clientes que circulam pelas calçadas.

Parent-Duchâtelet (2008) aponta algumas causas para a prostituição. Dentre as causas apresentadas por ele, destacam-se aqui a miséria de garotas abandonadas por suas famílias, que recorrem à prostituição para não morrer de fome, o abandono dos amantes, os maus tratos que muitas recebem dos pais e os deveres de “jovem-mãe”, para aquelas que acabam engravidando. Pateman (1993) também busca compreender as causas da prostituição e apresenta como principais motivos a falta de comida, o fato de a prostituição ser mais rentável do que os trabalhos abertos no capitalismo patriarcal e o vício em drogas. Beauvoir (1980) aponta como causas da prostituição o abandono, a doença e o nascimento de um filho.

Os autores também abordam questões referentes à higiene das prostitutas. Parent-Duchâtelet (2008) afirma que elas só se preocupam com a aparência e a higiene quando estão com clientes, não mantendo hábitos de higiene no restante do tempo. Pateman (1993) afirma que elas são vistas como fonte de sujeira, sendo que muitas são assassinadas ou sofrem danos físicos por isso.

De acordo com Beauvoir (1980), o primeiro sedutor da jovem que vai entrar na prostituição costuma ser um jovem colega de trabalho, amigo de infância, militar ou estudante. E que, muitas meninas abandonadas, tornam-se mendigas antes de virarem prostitutas.

Destaca-se, por fim, que, segundo Parent-Duchâtelet (2008) e Beauvoir (1980), a maioria das prostitutas não abandona os filhos. Muito pelo contrário, costuma amamentar e trabalhar para sustentar as crianças. Fantine tenta permanecer com sua filha, deixando-a com os Thénardier somente para tentar arrumar um emprego que lhe permitisse cuidar da criança. Ela a amamenta até o dia que deixa Paris.

FANTINE PROSTITUTA

Um dos pontos que destacamos no tópico anterior foi os motivos que levam uma mulher a se tornar prostituta. Os autores trabalhados apontaram a miséria como uma das principais causas, pois sem recursos para sobreviver e para não morrer de fome, muitas jovens entram na prostituição.

Beauvoir (1980) destaca também o nascimento de um filho. A vida de Fantine foi muito sofrida e, além de ter que garantir a sua subsistência, tinha que enviar dinheiro para garantir a subsistência de Cosette. A criança lhe dava forças para lutar e tentar vencer na vida, mas fazia com que ela tivesse uma preocupação a mais. Fantine precisava trabalhar muitas horas para manter a mensalidade que os Thénardiens cobravam para cuidar da menina. Quando fica sem nenhum recurso, vende primeiro os cabelos, depois os dentes, e, por fim, não tendo mais o que vender, vende o que restou, ou seja, seu corpo.

Nessa vida de prostituta, as mulheres sofrem várias privações e maltratos, pois são mal vistas pela sociedade. Em uma noite fria, na qual a neve caía, Fantine, que estava na prostituição há aproximadamente dez meses², foi humilhada por um burguês “elegante”, o senhor Bamatabois. Ele a chamou de feia, riu do fato dela não ter dentes e jogou uma bola de neve nas suas costas. Fantine não aguentou tanta desfeita e o agrediu física e verbalmente. O policial Javert a levou para a cadeia.

De acordo com Pateman (1993), as prostitutas são vistas pela sociedade como fonte de sujeira e muitas são perseguidas e sofrem danos físicos por esse motivo. Fantine andava suja e mal vestida pela cidade, e esse já era um motivo para ser perseguida. Ao desacatar um burguês elegante, isso se torna um agravante, e ela é levada para a cadeia, como se fosse uma criminosa. Fantine é condenada a seis meses de detenção e só se preocupa com a filha, pois não terá como enviar dinheiro para os Thénardiens enquanto estiver presa. Ela se humilha e tenta explicar o que aconteceu, mas Javert não sente nenhuma piedade da pobre moça. O fato era

² Apesar de já estar na prostituição há dez meses, essa é a primeira vez que Fantine aparece como prostituta no romance.

que uma prostituta, um ser desclassificado, tinha ofendido um burguês, e por isso merecia ser punida.

É nesse ponto que o senhor Madeleine começa a ajudar a moça. Ele intervém ao seu favor, apesar dela cuspir no rosto dele, pois o odiava por pensar que ele era o responsável por sua demissão da fábrica. O prefeito de Montreuil-sur-Mer escuta a história da jovem, a tira da cadeia e a leva para enfermaria que tinha instalado em sua casa. A moça estava muito debilitada e o senhor Madeleine passa a cuidar dela. Ele promete pagar as dívidas da infeliz e recuperar Cosette. No entanto, sua identidade é revelada, ele não consegue trazer Cosette de volta e Fantine morre sem rever a menina.

De acordo com Gasiglia (2012), Fantine representa um dos aspectos mais trágicos da condição feminina, que é o inferno da prostituição. Ela sai de um estado de inocência e pureza para uma “decadência involuntária, progressiva e fatal” (GASIGLIA, 2012, p. 54), passando a ser um objeto de repulsão perante a sociedade.

Essa questão foi observada no decorrer do primeiro tomo do romance, pois a partir do momento em que Fantine se lançou no universo da prostituição, ela começou a ter traços do comportamento das bestas feras, esquecendo todos os princípios e boas maneiras que regiam essa sociedade hipócrita que a degradou. E também é nesse momento que ela é chamada pela primeira vez de “la Fantine”.

USOS DO ARTIGO DEFINIDO

De acordo com Boularès e Frérot (2010), o artigo definido costuma ser usado em francês antes de um substantivo comum para designar uma pessoa ou coisa única. Ele é usado antes de títulos (le Premier Ministre, le Comte de Bourbon), de nomes de continentes, países, regiões, oceanos, astros, estações, etc. Também é empregado antes de substantivos para dar um valor geral, seja para indicar uma ideia, uma noção, uma matéria (le bonheur, l’argent, l’or, etc), ou para indicar um conjunto (les Français, les gens). No caso de indicar o conjunto, o artigo pode ser utilizado antes do nome de família, quando indica mais de um membro, ou a totalidade da família. No caso de *Les Misérables*, esse uso é recorrente principalmente para indicar a família Thénardier: “les Thénardier”. Quando o narrador utiliza o sobrenome da família para indicar a esposa ou o esposo, nota-se que ele usa “la Thénardier” ou “le Thénardier”.

Dubois e Lagane (1997) e Chevalier et al. (1985) afirmam que o artigo definido é utilizado diante de substantivos, para marcar uma pessoa ou uma coisa já identificada na frase ou mesmo do pensamento dos falantes. Grevisse (1986) destaca que esse sujeito ou coisa são conhecidos do locutor e do interlocutor.

Como os nomes próprios já são por si só determinados, Grevisse (*op. cit.*) aponta que eles não precisam de artigo. No entanto, em alguns casos o artigo pode ser utilizado antes de nomes de pessoas. O autor apresenta oito casos, dentre os

quais destacam-se: o uso de artigo par exprimir desdém e desprezo e o uso na linguagem popular. Esses usos também são trabalhados por Chevalier et al. (1985).

Segundo Charaudeau (1992), o uso de artigos definidos ou indefinidos antes de nomes de pessoas trazem diferenças de sentido. A ausência de artigo indica que se trata de uma identificação absoluta, tratando-se da pessoa efetiva. O uso de artigo indefinido pode identificar as pessoas pertencentes a uma classe, a um grupo. Já o artigo definido pode assinalar que a identidade da pessoa está especificada. O exemplo dado pelo autor é “Le Sartre militant n’aurait jamais dit ça”³ (CHARAUDEAU, 1992, p. 183). Ou seja, a pessoa de Sartre, na sua identidade de militante, nunca teria feito essa ação.

A partir dessa abordagem gramatical, traçaremos a seguir algumas considerações sobre os efeitos de sentido extraídos da oscilação entre presença e ausência do artigo definido antes do nome de Fantine.

FANTINE E LA FANTINE

A história de Fantine é narrada no primeiro tomo do romance, que recebe como título o nome da personagem. No título do primeiro tomo, “Fantine”, não é utilizado o artigo “la”. A primeira menção à personagem aparece no capítulo dois, livro terceiro, do primeiro tomo: “Duble Quatuor”. Nesse capítulo e nos seguintes do livro terceiro, narra-se a história do relacionamento de quatro *grisettes* com quatro estudantes: Fantine e Tholomyès, Favourite e Blachevelle, Dahlia e Listolier e Zéphine e Fameuil, até o momento em que os estudantes abandonam as jovens e o narrador anuncia que Fantine tinha uma criança. Tanto no momento de felicidade, em que a jovem vivia com Tholomyès, até o momento de tristeza provocado pelo abandono, o nome de Fantine não é precedido de artigo.

No livro quarto, no qual é narrada a saída de Fantine de Paris, seu encontro com os Thénardiens e a negociação para deixar Cosette com eles, Fantine surge com uma aparência mais sofrida e envelhecida, até difícil de ser reconhecida. Mesmo com a degradação física e o envelhecimento precoce por causa do sofrimento, Fantine continua sendo “Fantine”, conforme os trechos “C’était Fantine. C’était Fantine. Difficile à reconnaître.”⁴ (HUGO, 2010, p. 155).

No livro quinto, Fantine consegue um emprego na fábrica do senhor Madeleine, prefeito de Montreuil-sur-Mer. No entanto, conforme já foi dito, ela perde o emprego por ser mãe solteira e começa a costurar ganhando tão pouco que não consegue pagar os Thénardier. Ela vende os cabelos para comprar uma saia para Cosette e vende os dentes para pagar o suposto tratamento da filha (lembrando que a doença da menina foi uma invenção dos Thénardiens para arrancarem di-

³ O Sartre militante nunca teria dito isso.

⁴ Era Fantine. Era Fantine. Difícil de reconhecer.

neiro de Fantine). Até esse momento, mesmo num estado de degradação física, social e moral bem avançado, a jovem ainda é “Fantine”.

No entanto, no momento em que a moça começa a apresentar um comportamento de bestas feras e decide “vender o resto”, acontece a cena com o senhor elegante, o burguês Bamatabois. Inicialmente, o narrador informa que um burguês elegante ria de uma mulher, e zombava dela, por ela ser desdentada e feia. A mulher fica brava e ataca o burguês, conforme trecho a seguir: “La fille poussa un rugissement, se tourna, bondit comme une panthère, et se rua sur l’homme.” (HUGO, 2010, p. 198). Só então o leitor conhece a identidade dessa mulher: “C’était *la Fantine*”⁵ (*op. cit.*, p. 198).

É interessante notar, na descrição da cena, a aproximação de Fantine com as bestas feras anunciadas anteriormente. Primeiro, a moça não solta um grito, ela solta um rugido. De acordo com o dicionário *FR – WMF*, “rugissement” é definido como o grito do leão e de alguns animais ferozes, ou um grito ou barulho violento, como os provocados por uma tempestade. No dicionário *Le Robert de Poche*, também encontramos os dois sentidos anteriores, acrescido de um grito rouco. Nas duas definições, a palavra indica o som produzido por animais ferozes, e, nesse trecho do livro, parece que o rugido indica realmente esse sentido, principalmente se considerarmos que, após o rugido, a moça salta como uma pantera para cima do homem.

Após essa cena, o leitor é informado que a mulher que atacou o burguês era “*la Fantine*”, utilizando-se pela primeira vez o artigo antes do nome da jovem. E ele é usado no momento em que a mulher chegou ao último grau de degradação, que é a prostituição. Nesse momento, Fantine não parece ser um ser humano pensante, mas age por instinto, como fazem os animais.

No capítulo seguinte, Fantine é levada para a cadeia. Nesse capítulo, oscilam as formas de constituição da personagem, mas na maior parte das vezes em que seu nome é citado, vem precedido do artigo, conforme pode-se perceber nos trechos analisados em seguida.

Ao chegar na delegacia, “Javert ouvrit la porte, entra *avec Fantine*, et referma la porte derrière lui. (...) En entrant, *la Fantine* alla tomber dans un coin, immobile et muette, accroupie comme une chienne qui a peur.”⁶ (HUGO, 2010, p. 199). No primeiro caso não é utilizado o artigo⁷. Segundo Boularès e Frérot (2010), o uso do artigo após a preposição “avec” só é restrito quando ela é seguida de um substantivo abstrato, para formar uma locução, o que não é o caso. Mesmo assim acreditamos que a ausência do artigo possa ser explicada pela presença da preposição “avec”, pois como existem restrições para o uso, o narrador pode ter preferi-

⁵ A jovem soltou um rugido, se virou, saltou como uma pantera, e se precipitou sobre o homem(...). Era a Fantine.

⁶ Javert abriu a porta, entrou com a Fantine, e fechou novamente a porta atrás dele. (...) Entrando, a Fantine caiu em um canto, imóvel e muda, acorçada como uma cadela que tem medo.

⁷ Na edição da *Bibliothèque de la Pléiade*, utilizada como base desta análise, nesse trecho não é utilizado o artigo. Em outra edição consultada (cf. bibliografia), o artigo aparece.

do não utilizá-lo. Talvez isso também explique por que em outra edição consultada o artigo aparece, pode ser que o revisor tenha decidido incluí-lo.

Passando para o segundo caso, “la Fantine” está caída em um canto, acorada como uma cadela com medo. Novamente a comparação com um animal, e a situação de um ser humano que está agindo de acordo com os instintos, de forma irracional. No entanto, agora ela não age com a força das bestas feras, pois está com medo.

No momento em que o senhor Madeleine pede que Javert coloque Fantine em liberdade, o artigo deixa de ser utilizado. Mesmo que Javert ainda tente argumentar e diga “je retiens *la femme Fantine*”⁸ (HUGO, 2010, p. 207), e ao sair da prisão, ela é chamada de “*la pauvre Fantine*”⁹ (*op. cit.*, p. 208), nesses dois casos, o uso do artigo é requerido tanto pelo substantivo “*femme*”, como pelo adjetivo “*pauvre*”, de acordo com Chevalier et al. (1985).

No capítulo um do livro sexto, a primeira vez que aparece o nome da jovem, ele vem precedido do artigo: “Madeleine fit transporter *la Fantine* à cette infirmerie (...)”¹⁰ (HUGO, 2010, p. 209). O artigo parece ser empregado para reforçar a ideia de um ser fragilizado, que está precisando de ajuda, um ser vítima da pior degradação social, ou seja, da prostituição. Outros usos com esse mesmo sentido ocorrem esporadicamente, como é possível observar nos seguintes exemplos: “M. Madeleine alla voir *la Fantine* comme d’habitude(...)”¹¹ (*op. cit.*, p.222); “Et puis tout à coup il pensa à *la Fantine*.”¹² (*op. cit.*, p. 240). No primeiro caso, observamos que o senhor Madeleine tinha adquirido o hábito de ver Fantine, para saber se a moça tinha melhorado. Ele ia visitar a debilitada Fantine, a besta fera machucada que estava impossibilitada de agir e tomar conta de sua vida.

Já o segundo caso ocorre no capítulo “Une tempête sous un crâne”¹³. Esse é um dos capítulos mais comentado de *Les Misérables*, pois nele o senhor Madeleine, após ficar sabendo que um homem tinha sido preso e era acusado de ser Jean Valjean, começa a pensar se deve ou não se entregar para a polícia, salvando o homem de ser condenado injustamente¹⁴. Uma das questões que faziam o senhor Madeleine pensar em não se entregar era os pobres que ele ajudava. O que aconteceria com todas as pessoas auxiliadas por ele, caso ele voltasse para a prisão? E quando ele pensa em Fantine, ele se preocupa com a situação dela. Doente e totalmente dependente do senhor Madeleine, ele sucumbiria sem a ajuda dele. E ao pensar nessa Fantine frágil, o artigo aparece.

No decorrer dos capítulos, o artigo deixa de ser utilizado. Ele só aparece de novo no final do primeiro tomo, quando o senhor Madeleine decide revelar que é Jean Valjean, para que o homem não seja condenado em seu lugar. Após livrar o se-

⁸ Eu retenho a mulher Fantine.

⁹ A pobre Fantine.

¹⁰ Madeleine fez transportar a Fantine para essa enfermaria (...)

¹¹ O senhor Madeleine foi visitar a Fantine, como habitualmente.

¹² E depois, de repente ele pensou na Fantine.

¹³ Uma tempestade sob um crânio.

¹⁴ Mesmo que o homem foi preso por roubo em flagrante, se ele fosse tido como Jean Valjean sua pena seria muito pior, já que Jean Valjean era um forçado procurado pela polícia.

nhor Champmatieu da cadeia, Jean Valjean passa na sua casa e entra no quarto de Fantine. Enquanto está conversando com a jovem, que estava feliz com a possibilidade de rever Cosette, o policial Javert entra no quarto. Assim que Fantine vê Javert, ela fica aterrorizada, para de falar e começa a tremer. Nesse momento, ao pensar que Javert iria levá-la novamente para a cadeia, o artigo é empregado: “*La Fantine n’avait point vu Javert depuis le jour où M. le maire l’avait arrachée à cet homme. (...) C’était ce regard que la Fantine avait senti pénétrer jusque dans la moelle de ses os deux mois auparavant*”¹⁵ (HUGO, 2010, p. 305). No entanto, ao se sentir protegida por Jean Valjean e ao perceber que Javert não poderia fazer nada contra ela, o artigo não é mais utilizado até o final do primeiro tomo, quando Fantine morre.

A morte de Fantine é o momento em que ela finalmente descansa. Jean Valjean consegue providenciar um enterro simples para a jovem. O narrador afirma que todos somos filhos da Terra, e que Fantine foi devolvida a essa mãe; foi enterrada em um canto público do cemitério e o dinheiro que Jean Valjean deixou foi usado para ajudar os pobres.

Dentre os casos de artigo definido utilizado antes de nome próprio, Chevalier et al. (1985) e Grevisse (1986) destacam que ele pode indicar desprezo e desdém. Em todos os usos destacados, parece que ocorre certo desprezo não pela personagem, mas pela sua degradação e estado de miséria total. Um desprezo pela sociedade que conduz a mulher a se desvirtuar, pela miséria, essa danação social que condena os pobres ao inferno, conforme o próprio prefácio do romance.

Ressalta-se ainda que, de acordo com Charaudeau (1992), o artigo pode ressaltar que a identidade da pessoa está especificada. No exemplo mostrado anteriormente, o Sartre militante era diferente do Sartre pessoa física. O Sartre militante tinha uma identificação especificada.

Da mesma forma, a Fantine prostituta, acuada pela sociedade, não é a Fantine mãe extremada, a Fantine pessoa pensante. É como se entre o artigo e o nome da pessoa estivesse elíptico o especificador “prostituta”: “*la prostituée Fantine*”.

Com isso, é possível pensar em como esse artigo reforça a situação de “coisa” e de “mercadoria” à qual Fantine foi submetida. A partir do momento em que ela decidiu vender o resto, entrando na prostituição, seu corpo não lhe pertencia mais, era uma mercadoria, a disposição dos clientes que quisessem pagar pela sua prestação de serviço. E essa mercadoria humana, degenerada e desvalorizada, assume um estatuto de “coisa”, de algo que não merece o respeito de ninguém, pois é pior que um animal irracional.

Assim, observamos que o artigo é muito recorrente no momento em que ela é comparada aos animais, seja às bestas feras, seja à cadela com medo, e nos momentos em que ela está fragilizada, debilitada e precisando de ajuda. Também re-

¹⁵ A Fantine não tinha visto Javert depois do dia em que o senhor prefeito a tinha arrancado desse homem. (...) Era este olhar que Fantine tinha sentido penetrar na medula de seus ossos dois meses antes.

aparece quando ela se sente ameaçada, tudo isso devido à degradação da qual foi vítima. Nos outros casos, em que ela está completamente consciente de suas ações, agindo como um ser humano pensante, o artigo não é utilizado.

CONCLUSÃO

Ao tratar da obra de Victor Hugo, uma questão que chama a atenção do leitor é a sua participação na luta contra a pena de morte e o fato dele apresentar, em seus escritos, considerações sobre a situação da mulher na França do século XIX. E o romance *Les Misérables* é uma dessas obras que permite refletir sobre os problemas sociais que atingem os mais fracos, dentre os quais se destacam a mulher, o idoso e a criança.

Em *Les Misérables*, ressalta-se o problema da miséria e do abandono como causas da maior desgraça que pode acontecer a uma mulher: a prostituição. A prostituta é aquela que atingiu o último grau da decadência, muitas vezes por ser vítima de um sistema semelhante ao da escravidão. Sem ter onde conseguir dinheiro para se sustentar e para saciar a fome, as mulheres se prostituem. Sem ter um homem para garantir a subsistência da casa, a mulher fica sem escapatória.

Segundo o narrador existe um mercado de carnes humanas, chamado de mercado da prostituição. Esse mercado é abastecido por mulheres que vendem sua alma por um pouco de comida, seja para ela mesma, seja para sustentar os filhos. E é isso o que acontece com Fantine. Ela se apaixona por um estudante, vive com ele até ele terminar seus estudos e voltar para a casa da família. Ela não consegue suportar o abandono e vai procurar um emprego para garantir a sua sobrevivência e a da sua filha pequena.

A construção da personagem, a partir da oposição entre a presença e a ausência do artigo definido “la” ajuda a compreender como se dá a degradação dessa mulher. Somente quando ela toma a decisão de se vender e começa a se comportar como os animais, o artigo começa a ser utilizado. A organização linguística é muito interessante de ser observada, pois acompanhamos cada estágio da decadência de Fantine.

Primeiro, aparece como a amante do estudante, uma *grisette* jovem e bela, pura e inocente. A pureza e a inocência permanecem em seu ser até o momento de sua morte, mas a beleza e a juventude acabam em um pequeno intervalo de tempo. O primeiro traço de decadência é a aparição dela dez meses depois de ser abandonada, praticamente irreconhecível, com um semblante cansado e sem forças nem para amamentar a filha.

O emprego na fábrica do senhor Madeleine poderia ter sido a sua salvação, mas ela saiu de lá humilhada por ser mãe solteira. Com isso, desce mais um degrau, vendendo primeiro os cabelos e depois os belos dentes. A cena em que Fantine aparece com a boca ensanguentada, depois de vender os dentes, ocupa um parágrafo, mas consegue ser uma das mais chocantes do livro. A partir dessa cena,

pensamos que tudo de ruim já tinha acontecido, e que a moça já estava no último estágio do sofrimento.

No entanto, Fantine entra na prostituição e esse sofrimento só piora. Nessa época, a jovem já estava bastante doente, e a bola de neve que o burguês “elegante” joga nela faz sua saúde piorar ainda mais. Essa entrada na prostituição coincide com o uso do artigo “la”, que pode indicar uma “coisificação” ou “animalização” dessa mulher, tanto pelo comportamento de bestas feras que agem por instinto, como pelo desprezo ou desdém com o qual é tratada pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 323 – 342.

BOULARÈS, Michèle e FRÉROT, Jean-Louis. *Grammaire progressive du français*. Paris: CLE International, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 53-80.

CARON, Jean-Claude. *Généralisations Romantiques: Les étudiants de Paris & le Quartier Latin (1814-1851)*. Paris: Armand Colin, 1991, p. 197-222.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992, p. 163-190.

CHEVALIER, Jean-Claude; BLANCHE-BENVENISTE, Claire; ARRIVÉ, Michel; PEYTARD, Jean. *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris: Larousse, 1985, p. 213-229.

CORBIN, Alain. *Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution au XIXe siècle*. Paris: Flammarion, 2010.

DUBOIS, Jean ; LAGANE, René. *La nouvelle grammaire du français*. Paris: Larousse-Bordas, 1997, p. 60-62.

DUFIEF, Pierre-Jean. *Les Misérables: Victor Hugo*. Paris: Hatier, 1999.

ÉGÉA, Fernand. *Les Misérables: Victor Hugo*. Paris: Nathan, 2001.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do Romance*. Organização Oliver Stallybrass ; Tradução Sérgio Alcides. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 69-104.

FR : Dicionário Semibilíngue para brasileiros. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GASIGLIA, Danièle. As mulheres na obra “Os Miseráveis”. In: BARRETO, Junia (org.). *Victor Hugo Disseminações*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 51-63.

GREVISSE, Maurice. *Le bon usage, grammaire française*. Douzième édition refondue par André Goosse. Paris: Duculot, 1986, p. 906-925.

HUGO, Victor. *Les Misérables*. Édition établie et annotée par Maurice Allem. Paris: Gallimard, 2010.

_____. *Les Misérables*. Paris: Pocket, 2013.

_____. *Os Miseráveis*. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Introdução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

JUIN, Hubert. *Lectures du XIXe siècle*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1976, p. 224-303.

Le Robert de Poche. Paris: Dictionnaires Le Robert Sejer, 2010.

MORETTO, Fulvia M. L. Victor Hugo e o romantismo. *Revista Lettres Françaises*. Araraquara n. 5, p. 9-18, 2003. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/736>> Acesso em 01 jun. 2013.

PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre. *La prostitution à Paris au XIXe siècle*. Texte présenté et annoté par Alain Corbin. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993, p. 279-321.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 57-87.

_____. *Os excluídos da história*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 165-231.